

JONES, Ernst. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução: Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LACAN, Jacques. A psicanálise. Razão de um fracasso. In: *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro; versão final: Angelina Harari e Marcus André; preparação de texto: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEIRIS, Michel. *Manhood*. Translated by Richard Howard. San Francisco: North Point Press, 1974.

Tradução do inglês: Flavia Trocoli (Departamento de Ciência da Literatura, UFRJ) e Suely Aires (Centro de Ciência da Saúde, UFRB)

Resumo

Se ler é, de fato, “entender, ... esquecer, ... repetir,” como podemos repetir a inesquecível lição de leitura de De Man? Eis a questão preliminar deste ensaio que encena um diálogo de leituras entrelaçadas em um ponto de desconhecido ao qual Freud chamou de “umbigo do sonho”. O diálogo entre os textos, entre leituras, vai girar explicitamente e vai se desdobrar implicitamente em torno de três questões: (1) O que quer uma mulher? (2) O que é um umbigo? – em Freud, em minha leitura dele, na leitura de De Man de ambos; (3) O que significa, de fato, *colocar uma questão ao nível do umbigo?*

Palavras-chave

Paul de Man; Jacques Lacan; Sigmund Freud; leitura; interpretação dos sonhos

Recebido para publicação em março de 2012

Abstract

If to read is, indeed, “to understand, ... to forget, ... to repeat,” how can we repeat de Man’s unforgettable lesson of reading? That is the preliminary question of this essay, which enacts a dialogue of intertwined readings in an unknown point, called by Freud “the navel of the dream.” The dialogue of texts – of readings – will thus explicitly revolve and implicitly evolve around three questions: 1. What does a woman want? 2. What is a navel – in Freud, in my own read of him, in De Man’s reading of both? 3. What does it mean, indeed, to *pose a question at the level of the navel?*

Keywords

Paul de Man; Jacques Lacan; Sigmund Freud; reading; interpretation of dreams

Aceito em maio de 2012

DOIS VERBETES DA LÍNGUA PURA: SONHO E PULSÃO

Lucia Castello Branco
Vania Baeta Andrade

Começemos por uma citação de Barthes acerca da anotação, da *notatio*, para já nos situarmos no campo do verbete, da palavra e da “palavra em ponto de dicionário”. E, como este texto faz referência a uma pesquisa que se situa na interseção entre a literatura e a psicanálise, pesquisa que terá a anotação como uma prática regular¹, sublinhemos, já de início, a “interseção problemática” a que Barthes se refere:

Por um lado, a *Anotação*, a prática de “anotar”: *notatio*. Em que nível ela se situa? Nível do “real” (o que escolher), nível do “dizer” (que forma, que produto dar à *Notatio*? O que essa prática implica do sentido, do tempo, do do instante, do dizer? A *Notatio* aparece de chofre na intersecção *problemática* de um rio de linguagem, linguagem ininterrupta: a vida – que é texto ao mesmo tempo encadeado, prosseguido, sucessivo, e texto superposto, histologia de textos em corte, palimpsesto – e de um gesto sagrado: *marcar* (isolar: sacrifício, bode expiatório etc.). A Anotação: intersecção problemática? Sim: é o problema do realismo que é colocado pela anotação.²

Voltaremos à questão da anotação mais adiante, mas já queremos adiantar que traremos aqui apenas breves anotações acerca de dois verbetes – “sonho” e “pulsão” –, que gostaríamos de articular à noção de “língua pura”, de Benjamin. Mantendo-nos fiéis aos verbetes, queremos nos manter fiéis à palavra – em sua dimensão de letra, uma vez que o dicionário obedece à ordem de um abecedário –, por entender, com Barthes, mas também na direção do texto de Benjamin, que é a palavra, em sua dimensão de letra, o que a tradução poética visa. Porque a palavra, como observa Barthes, “é enciclopédica”:

Ela realiza então um estado que só é possível no dicionário ou na poesia, onde o nome pode viver privado de seu artigo, reduzido a uma espécie de estado zero, mas prenhe de todas as especificações passadas e futuras.³

E aqui, nesta breve citação de Barthes, já começamos a nos acercar da noção benjaminiana de “língua pura”. Pois é também pela dimensão da palavra – e, mais propriamente, da palavra poética de Hölderlin e, é claro,

da de Baudelaire, cuja poesia em tradução está sendo prefaciada, nesse texto –, que Benjamin se acerca da “língua pura”.

Ora, o que é, para Benjamin, a “língua pura”? A “língua pura” será, para o tradutor, um ponto, na língua, do que ele chamará de “reconciliação das línguas”, “ponto de verdade” em que todas as línguas poderão, virtualmente, se encontrar. Segundo Benjamin, “o grande tema da integração das várias línguas em uma única, verdadeira”, é o que acompanha o trabalho do tradutor:

Essa língua, porém, em que frases, obras e juízos isolados jamais se entendem, razão pela qual permanecem dependentes de tradução, é aquela na qual, entretanto, as línguas coincidem entre si, completas e resignadas no seu modo de designar. Contudo, se de fato existir uma língua da verdade, na qual estão guardados sem tensão e mesmo silenciosamente os últimos segredos que o pensamento se esforça por perseguir, então essa língua da verdade é a verdadeira língua. E é precisamente esta, em cujo pressentimento e descrição se encontra a única perfeição pela qual o filósofo pode esperar, que se encontra intensamente oculta nas traduções.⁴

Sabemos que, pouco antes de alcançar esta breve definição da “língua pura” como “língua da verdade”, ou como ponto de “reconciliação das línguas”, Benjamin havia se deparado, em seu texto, com as enigmáticas palavras de outro poeta acerca da “imperfeição das línguas” em sua direção à verdade. Trata-se das palavras de Mallarmé, que aqui reproduzimos, em tradução:

As línguas imperfeitas, por serem várias, falta-lhes a suprema: pensar sendo escrever sem acessórios nem murmúrio, mas ainda tácita a imortal palavra; a diversidade, na terra, dos idiomas impede que se profiram as palavras que, do contrário, se encontrariam por um caminho único, ele próprio materialmente a verdade.⁵

Assim, podemos dizer que o caminho material em direção à verdade é sempre falhado, pois as línguas, por serem várias, são imperfeitas. Falta-lhes, segundo Mallarmé, a “língua suprema”, aquela em que pensar é escrever, mas escrever “sem acessórios nem murmúrios”. É a esse ponto, segundo Mallarmé, que a poesia visa. E é a esse ponto que a tradução de poesia, segundo Benjamin, deve também visar.

Daí a “tarefa do tradutor” que, como o nome o indica – *Aufgabe* – implica sempre uma renúncia. Já aí, na ambivalente tradução do termo *Aufgabe* (que significa, ao mesmo tempo “tarefa” e “renúncia”), vislumbramos o paradoxo da tradução poética: ela visa à língua pura, ao ponto de “reconciliação das

línguas”, mas esse ponto é impossível de atingir, pois as línguas são várias e imperfeitas.

Sonho –

E aqui gostaríamos de introduzir um conceito de Maurice Blanchot, o conceito de “ponto central”, com o qual gostaríamos de trabalhar em nossa aproximação do verbo “sonho”, tal como Freud o introduz, a partir de *A Interpretação dos Sonhos*. Pois o “ponto central”, para Blanchot, sendo justamente o ponto impossível de atingir, é, no entanto, o único que vale a pena atingir. Ou, nas palavras do autor,

Um livro, mesmo fragmentário, possui um centro que o atrai: centro esse que não é fixo mas se desloca pela pressão do livro e pelas circunstâncias de sua composição. Centro fixo, também, que se desloca, é verdade, sem deixar de ser o mesmo e tornando-se sempre mais central, mais esquivo, mais incerto e mais imperioso. Aquele que escreve o livro, escreve-o por desejo, por ignorância desse centro. O sentimento de o ter tocado pode nada mais ser do que a ilusão de o ter atingido.⁶

Arriscamo-nos a dizer que o “ponto central” do texto “A Tarefa do Tradutor”, de Walter Benjamin, reside justamente no que ele denominará de “língua pura”. E esse ponto de “reconciliação das línguas” Benjamin vai localizá-lo, não somente nas palavras de Mallarmé, não propriamente em sua tradução de Baudelaire, mas nas “monstruosas literalidades” de Hölderlin, o poeta louco, aquele que, segundo Haroldo de Campos, ousou traduzir a *Antígona*, de Sófocles, valendo-se de uma “edição pouco recomendável”, “eivada de erros tipográficos”, possuindo um conhecimento do grego “bastante limitado, mesmo considerando-se as condições dos estudos da especialidade do seu tempo”.⁷

Entretanto, é justamente esse poeta louco, aquele que fora objeto de chacota de seus contemporâneos por suas “monstruosas literalidades”, o que viria, mais tarde, a ser considerado o paradigma da tradução poética, para Benjamin. E isso só é possível, segundo Haroldo de Campos, porque, com “intuição de poeta”, Hölderlin preferiu “à pálida convenção do sentido translato a força concreta da metáfora original”: “Não há dúvida de que o sentido (conteúdo denotativo) do original assim se rarefaz, se hermetiza; mas a compulsão poética da linguagem, em contraparte, aumenta consideravelmente.”⁸

A respeito das traduções de Hölderlin, ouçamos o que Benjamin teria a dizer, em “A Tarefa do Tradutor”:

Nelas, a harmonia das línguas é tão profunda que o sentido só é tocado pela língua como uma harpa eólia pelo vento. As traduções de Hölderlin são arquétipos de sua forma; elas se comportam, mesmo com relação às mais acabadas traduções dos mesmos textos, como o arquétipo em relação ao modelo (...) Precisamente por isso reside nelas, mais do que em outras, o monstruoso perigo originário de toda tradução: que se fechem as portas de uma língua tão dominada e expandida, encerrando o tradutor no silêncio (p. 80-81).

Na “língua pura” visada por Hölderlin residira, para Benjamin, a “tarefa do tradutor”: esse “ponto de verdade” em que, segundo Derrida, “o sentido e a letra não se dissociam mais”.⁹ É nesse “ponto de verdade”, em que Derrida situará também o poema – “num único algarismo, o poema (aprendê-lo de cor) sela juntamente o sentido e a letra, como um ritmo espaçando o tempo”¹⁰ –, que gostaria de situar o meu verbete extraído da “língua pura” da psicanálise: o “sonho”.

Sabemos, como assinalam Magalhães e Vallejo, que,

Lacan enfatiza que o primeiro ponto com relação ao sonho é que se trata de um hieróglifo, uma mensagem cifrada que deve ser decifrada. Isso significa que é preciso resgatar um outro código, um código perdido. Mas a interpretação do sonho não é simplesmente uma decodificação, como se fosse possível dispor de uma tabela de equivalências. Sendo que essa tabela não existe e não pode existir, é preciso encontrar o código perdido na base das redes associativas. Esse ponto é muito enfatizado por Freud quando critica o método que chama de ‘simbólico clássico’, em que há uma espécie de canônica preestabelecida que permite caracterizar o sentido do sonho. O sonho é um hieróglifo que deve ser entendido literalmente, isto é, em função de seus elementos materiais, de suas finalidades ou suportes de significação. É na estrutura fonemática do sonho que se articulam os significantes e não na consideração global do significado, o desejo deve ser tomado à letra, em sua literalidade (relato do sonho).¹¹

Assim, o sonho “deve ser tomado à letra, em sua literalidade”, em seu ponto de “língua pura”. Esse ponto, tal como Freud o localiza, podemos denominá-lo de “umbigo do sonho”. Podemos dizer, numa terminologia benjaminiana, que o “umbigo do sonho” é justamente esse ponto de “língua pura” em que a tarefa-renúncia da tradução se realiza cabalmente, pois, segundo Freud,

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem que ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento

do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido.¹²

Sabemos o quanto esse ponto onde o sonho “mergulha no desconhecido” é, para Freud, o “ponto de letra”¹³. Basta trazermos de volta toda a discussão de Freud em torno do “sonho da injeção de Irmã” e seu umbigo: a fórmula da trimetilamina, toda composta de letras. Quando se depara com essa fórmula, Freud observará :

Vi a fórmula química dessa substância em meu sonho, o que testemunha um grande esforço por parte da minha memória. Além disso, a fórmula estava impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial.¹⁴

É justamente a análise desse “sonho modelo” que levará Freud ao encontro de sua formulação axial sobre os sonhos – “O sonho é a realização de um desejo”¹⁵ –, justamente por esse encontro com o “ponto de letra”, que Freud chamará de “umbigo do sonho”, esse ponto onde o sonho “mergulha no desconhecido”.

Se seguirmos rigorosamente a proposta de Benjamin, em “A Tarefa do Tradutor”, teremos que dizer, então, que é justo nesse ponto, o do “umbigo do sonho”, que se realiza radicalmente a tarefa-renúncia da tradução, pois aí, nesse “ponto central”, o sonho não só mergulha no desconhecido como atinge o ponto de “reconciliação das línguas”, ponto de reconciliação entre letra e sentido, ponto da “língua pura”.

Em sua análise desse sonho, Lacan sublinhará alguns aspectos que aqui gostaríamos de destacar: 1) “sonho inicial, o sonho dos sonhos, o sonho decifrado de modo inaugural, é para Freud o da injeção de Irma. Desse sonho ele faz uma análise tão exaustiva quanto possível, a que volta com muita frequência na *Traumdeutung*, cada vez que precisa de um ponto de apoio (...)”; 2) “Esse sonho nos ensina, portanto, o seguinte – o que está em jogo na função do sonho se acha para além do ego, aquilo que no sujeito é do sujeito e não é do sujeito, isto é, o inconsciente” 3) “justamente porque Freud está tomado por semelhante paixão de saber que ele vai mais além”.¹⁶

E é justamente nesse “mais além” sublinhado por Lacan que vamos interromper aqui nossa entrada por esse verbete, lembrando a magnífica leitura feita por Derrida, em *Torres de Babel*, acerca do “passo se sentido” de Hölderlin, com suas monstruosas traduções de Sófocles. Lembremo-nos de que, para Benjamin, o ideal de toda tradução reside no texto sagrado. Diz ele,

ao final de “A Tarefa do Tradutor”: “A versão justalinear do texto sagrado é o arquétipo ou ideal de toda tradução” (p. 81). Ao que Derrida acrescentará:

O que se passa em um texto sagrado é o acontecimento de um *pas-de-sens*. Esse acontecimento é também aquele a partir do qual se pode pensar o texto poético ou literário que tende a redimir o sagrado perdido que aí se traduz como em seu modelo. *Pas-de-sens*, isso não significa a pobreza, mas *pas de sens* que seja ele mesmo, sentido, fora de uma “literalidade” (...) Ele é tradutível (*übersetzbar*) e intraduzível. Existe apenas letra e é a verdade da linguagem pura, a verdade como linguagem pura.¹⁷

Arriscamo-nos a sugerir que, n’ *A Interpretação dos Sonhos*, Freud encontrou o “ponto central” de sua obra, tal como o define Blanchot: ponto “mais esquivo, mais incerto e mais imperioso”. E, no “umbigo do sonho”, Freud encontrou o ponto de “língua pura” a que se refere Benjamin, esse ponto tradutível-intraduzível em que a tarefa-renúncia do tradutor se impõe. Sobre esse “ponto de apoio” da letra freudiana – em que “existe apenas letra” – Lacan advertirá:

Deve-se partir do texto e apenas dele, como Freud o faz e aconselha, como de um **texto sagrado**. O autor, o escriba, é apenas um escrevinhador, e vem em segundo lugar. Os comentários das Escrituras ficaram irremediavelmente perdidos no dia em que se quis fazer a psicologia de Jeremias, de Isaías, inclusive, a de Jesus Cristo. Da mesma maneira, quando se trata de nossos pacientes, peço-lhes que prestem mais atenção ao texto que à psicologia do autor – é a orientação toda do meu ensino.¹⁸

E assim, ao nos voltarmos para o texto, retornamos à palavra, em “interseção problemática”, em ponto de anotação. Retornamos à palavra em “ponto de letra”, “em ao ponto de p”, em ponto de *pulsão*.

Pulsão –

Então, tomemos a palavra em ponto de *p*, e pensemos na pulsão, força imperativa que exige um *mais além*: do original (e tudo o que isso pode querer dizer) ao empuxo de tradução, sua traduzibilidade.

Observemos a torção que se opera no próprio movimento tradutório desse célebre texto benjaminiano – “A tarefa do tradutor”. Encontramos tanto na tradução de Fernando Camacho, quanto na tradução de Karlheinz Barck e outros a opção de verter *die reine Sprache* para “língua pura”; já Suzana Kampff Lage parece operar uma torção ao optar por outra forma ou outra fórmula: trata-se aí da “pura língua”.

Acontece que o ponto *p* dessa operação há de incidir em uma leitura corrente do texto benjaminiano, que o situa dentro de uma tradição platônica, para abrir aí um devir outro: uma sobrevida (*überleben*), uma pervivência (*Fortleben*). Acompanhemos a nota do tradutor Fernando Camacho, o qual opta por “língua pura”. Ele nos diz:

O primeiro fator que deve ser tomado em consideração logo de início refere-se à manifesta oposição entre as idéias expostas neste ensaio e tudo aquilo que poderíamos esperar dum colaborador da enciclopédia russa que em 1940 foi praticamente forçado a suicidar-se na fronteira pirenaica, para pelo menos assim cair nas mãos da Gestapo. De fato “A Tarefa do Tradutor” foi escrita [em 1923] um pouco antes de Benjamin ter travado conhecimento com a intelectual letã Asja Lacis, ou seja, numa época em que ele ainda não se encontrava familiarizado com a “História e consciência de classe”, da autoria de Georg Lukács, resultando daí a feição nitidamente idealista do seu ensaio, onde, sob a influência da teoria platônica do conhecimento (de que é símbolo a metáfora da caverna e das sombras), o nosso leitor poderá encontrar o conceito da *Língua pura* que está para além das línguas nacionais, e em que estas se completam numa região onde a palavra, o significado e a tonalidade afetiva constituem uma unidade perfeita, que não permite separar e destrinçar um dos outros os seus diferentes elementos.¹⁹

De fato, a adjetivação purificada da língua, nessa leitura, situa o *além* benjaminiano na perfeição ideal, paradigma platônico. Contudo, já podemos vislumbrar, com a psicanálise, o efeito da torção de uma “língua pura” a uma “pura língua”, que, sim, “está para além das línguas nacionais, e em que estas se completam numa região onde a palavra, o significado e a tonalidade afetiva constituem uma unidade perfeita, que não permite separar e destrinçar um dos outros os seus diferentes elementos”. Poderíamos situar ou escutar aí os efeitos de “*lalangue*”, seu murmúrio? Uma pura língua atapetada da pele, cuja letra patemática, letra pulsional, incide no corpo do texto, deixa marcas e exige trabalho, tradução? Uma língua original? Uma língua pulsional? Uma língua *a-gramatical*?

Sendo assim, o texto benjaminiano não privilegia a ordem da comunicação, mas insiste em colocar em primeiro plano o compromisso, a tarefa do tradutor com aquilo que nos parecer ser da ordem da transmissão (na história). Retomemos a nota do tradutor Fernando Camacho:

É em função deste conceito da “*Língua pura*” que a comunicação é considerada por Benjamin como tensão, transporte ou perda da perfeição ideal, implicando com isso o prejuízo do *intentio* – que se pretende alcançar e que é por definição

inalcançável ou pelo menos suscetível de ser pressentido apenas através do paradoxo. Neste sentido Benjamin poderia ser integrado na tradição platônica por dar primazia à esfera da *Língua pura* e das formas superiores (que podem ser equiparadas à categoria das idéias eternas, imutáveis e imateriais de Platão), considerando esta esfera como constituindo a verdadeira realidade lingüística e estética, de que as línguas nacionais (e a comunicação feita através destas) são apenas formas inferiores ou então manifestações necessárias (porque é através delas que o *intentio* é pressentido por nós), mas defeituosas, e transitórias.²⁰

Não privilegiando a ordem da comunicação, Benjamin também nega, conseqüentemente, a primazia de um receptor ideal como horizonte da tradução. Nesse sentido, o texto faz claudicar a leitura platônica, visto que ele afirma logo no primeiro parágrafo: “o próprio conceito de um receptor ‘ideal’ é nefasto em quaisquer indagações de caráter estético, pois devem pressupor unicamente a existência e a natureza do homem em geral (...). Pois nenhum poema dirige-se ao leitor, nenhum quadro, ao espectador, nenhuma sinfonia, aos ouvintes”. (p. 66)

Levantamos a hipótese de que o que está em causa, na tarefa do tradutor, é a transmissão, o que pressupõe uma renúncia de qualquer conteúdo que privilegie o leitor ou a ordem da comunicação:

O que “diz” uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é a comunicação, não é o enunciado. E, no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo inessencial. Pois essa é mesmo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado [...] não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inaferrável, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta? De fato, daí deriva uma segunda característica da má tradução, que se pode definir, conseqüentemente, como uma transmissão inexata de um conteúdo inessencial. (p. 66)

Então, tomemos daí duas palavras: transmissão e deriva. Derivemos. E, saindo do paradigma platônico, que referenciou a leitura da *língua pura*, passemos à *pura língua* derivada de uma torção tradutória operada pela força da letra benjaminiana. Sabemos que Lacan propôs, em *Encore*, como tradução do *trieb* freudiano, o termo deriva;²¹ sabemos também, com Lacan, que a letra, em sua acepção matemática (de matema), é o que se transmite integralmente; sabemos ainda que, em sua acepção patemática (de *páthos*, patético, relacionada à marca no corpo, sofrimento, incisão), a letra encontra seu caráter pulsional, relativa ao “Isso”; e mais: que a letra, como essência

do significante, situa-nos no coração dos mistérios da operação realizada no inconsciente.

Não será do coração do mistério que nos fala a *pura língua* benjaminiana? Poderíamos aproximá-la da noção de *lalangue*, de uma língua pulsional? Não seria esse o ponto de atração, o ponto da verdade? Não é ele, esse ponto *além* do estranho, *além* do estrangeiro, que exige a tradução e opera a deriva, a torção, o devir de cada um e de cada uma?

Tomemos à letra os destinos da pulsão em nossa língua. Sabemos que a palavra *trieb* foi tomada por Freud do tesouro de sua língua e considerada como intransponível para outras línguas. Em 1926, três anos após o prefácio de Benjamin, ele declara em “A questão da análise leiga”:

O senhor deve recordar-se das palavras de nosso poeta-filósofo: ‘A fome e o amor’. Incidentalmente, um par de forças formidáveis! Damos a estas necessidades corporais, até onde representam uma instigação à atividade mental, o nome *Triebe*, uma palavra por cuja causa somos invejados por muitas línguas modernas.²²

De acordo com Luiz Hanns, em seu *Dicionário comentado do alemão de Freud*: “A tradução de *Trieb* é uma das mais polêmicas, devido à extensa gama de significados e conotações do termo em alemão, bem como devido a peculiaridades no emprego freudiano do termo”.²³

Trieb, tal qual usado em alemão, entrelaça quatro momentos, que conduzem do geral ao singular. Abarca um princípio maior que rege os seres vivos e que se manifesta como força que coloca em ação os seres de cada espécie; que aparece fisiologicamente “no” corpo somático do sujeito como se brotasse dele e o aguilhoasse; e, por fim, que se manifesta “para” o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal. No texto freudiano também, a palavra mantém estas características de uso.²⁴

A palavra, então, o *trieb* freudiano, como se atuasse performaticamente, põe em cena o que quer dizer. Ela propulsiona, coloca em movimento, exige trabalho, tradução. Sendo assim, acabou forçando nossa língua e criou um novo verbe no dicionário. No Aurélio (2ª. Ed. revista e aumentada, 1986), por exemplo, encontramos duas acepções: **pulsão** [do ing. *pulsion*] S.f. 1. *Patol.* Impulso que se produz em qualquer direção, dentro de uma estrutura oca, e que, ao encontrar um ponto fraco na parede dessa estrutura, pode produzir uma hérnia. 2. *Psican.* Tendência permanente, e em geral inconsciente, que dirige e incita a atividade do indivíduo: *pulsões sexuais*. [Cf. *libido*].

Forçar os limites da língua, fazendo murmurar aí algo incessantemente, em uma língua outra, que sempre pede tradução, ou melhor, transliteração: eis a pura língua da psicanálise, que jamais poderia ser comunicada e que, no entanto, jamais deixa de se transmitir, abrindo, silenciosamente, inclusive, as cortinas da tragédia humana. Dessa forma, mais uma vez, Freud só pôde arrancar à literatura “o retrato mais comovente” de uma *compulsão de destino*, citando Tasso em *Gerusalemme Liberata*:

Seu herói, Tancredo, inadvertidamente mata sua bem amada Clorinda num duelo, estando ela disfarçada sob a armadura de um cavaleiro inimigo. Após o enterro, abre caminho numa estranha floresta mágica que aterroriza o exército dos Cruzados. Com a espada faz um talho numa árvore altaneira, mas do corte é sangue que escorre e a voz de Clorinda, cuja alma está aprisionada na árvore, é ouvida a lamentar-se que mais uma vez ele feriu sua amada.²⁵

Trieb... pulsão... deriva... destino... na estranha floresta mágica das línguas. Esse conceito fundamental da psicanálise situa-se, enquanto tal, como um conceito-limite,²⁶ marcando, no horizonte de sua disciplina, um *além*, uma pura língua: gesta de amódio, gesta de amorte. Território do “até onde” as palavras podem nos transportar.²⁷ Segundo Ana Maria Rudge, em *Pulsão e linguagem*, o limite em questão no termo utilizado por Freud – *Grenzbegriff* – não se refere à fronteira entre o psíquico e o somático, onde, de fato, situa-se a pulsão. O limite aí qualifica o próprio conceito:

Grenzbegriff é uma noção que se encontra em Kant, relacionada ao conceito de númeno. O númeno é um ente de razão, um conceito relativo à coisa em si, que é incognoscível. O entendimento só pode fazer dos seus princípios a priori um uso empírico, aplicando-os aos fenômenos, ou seja, aos objetos de uma experiência possível. Se nenhum conhecimento determinado do númeno é possível, nem por isso ele deixa de ser para Kant um conceito legítimo e necessário. E por quê?

Porque através do conceito de númeno o entendimento impõe limites à pretensão da sensibilidade, impedindo-a de dar um valor absoluto aos objetos de sua intuição, assim como termina por limitar suas próprias pretensões, já que não pode pretender um acesso às coisas em si. O conceito-limite é, portanto, o que tem uma função negativa, de determinar fronteiras ao que se pode conhecer.²⁸

Mas se, por um lado, a pulsão marca o limite do cognoscível/incognoscível, por outro, pela sua aspiração mítica,²⁹ esse conceito aspira a avançar nesse mesmo Real, ou seja, tratar o Real pelo Simbólico, não deixando de escavar, escapar, a partir de uma função negativa, um *além*, seu *além*. Sendo um fundamento, a pulsão, portanto, opera e marca uma maneira absoluta-

mente singular da psicanálise lidar com seus próprios conceitos, porque a tarefa de sua tradução implica sempre uma fidelidade à experiência; porque é, justamente, a transmissão o que está em causa – uma sobrevivência (*überleben*), uma pervivência (*Fortleben*). Não se trata aqui também de privilegiar a comunicação. A respeito do conceito de letra na obra de Lacan, Juan Ritvo toca nesse ponto:

Seria necessário dizer que o conceito em psicanálise não é um conceito metodológico, acadêmico, ou que o conceito psicanalítico distancia-se do que é conceito em nível de discurso acadêmico, porque se o significante está fundado em um equívoco fundamental que remete a um ponto de impossibilidade, é óbvio que construir uma teoria unívoca será **a melhor forma** de censurar a trama do inconsciente. Dizendo de outra forma, nosso discurso é, pelo menos parcialmente, isomorfo à formação do inconsciente.³⁰

A pulsão e a isomorfia do conceito em psicanálise. Ganha aqui relevo, tal qual no texto de Benjamin, a forma: qual seria a melhor forma, aquela que possibilita a transmissão, aquela que atua na sobrevivência, na pervivência da obra? Parece ser, precisamente, a partir da forma, ou, nas palavras de Roland Barthes, da “responsabilidade da forma”,³¹ que é possível ir *além*. Em concordância com os quatro momentos que conduzem o *trieb* do geral ao singular, em sua exigência tradutória, Silvina Rodrigues Lopes situa, a partir da poesia de Hölderlin (poeta-tradutor referência de Benjamin), a “responsabilidade do poeta”:

Das raízes profundas que as ligam à terra, as árvores retiram a força de se erguerem, cada uma com a sua figura própria, sem qualquer razão, apenas como dádiva. Estar ao pé do rio, da montanha, do monumento, é respeitar a sua força de ser, é vê-los, senti-los, fora de qualquer finalidade formulável. Dessa interrupção do mundo, dessa irrealidade do real, irrompe, entre o sofrimento e a alegria, a convicção de que “não há na terra uma medida”. Com ela vem a única “responsabilidade” do poeta, ir mais além.³²

A tradução, para Benjamin, é uma forma. É preciso retornar ao original, porque nele reside a lei dessa forma, encerrada em sua traduzibilidade. Podemos pensar no matema; podemos pensar no poema: duas formas de transmissão. Podemos ainda pensar no estilo gongórico lacaniano como forma de fidelidade à letra freudiana, em sua tradução.

Quanto a nós, escolhemos a forma de verbetes, verbetes de um *Dicionário de citações: literatura e psicanálise*. Chamamos esse projeto de “Palavra em ponto de dicionário”. Era um sonho: escrever à maneira de um copista,

literalmente, letra por letra. Ler, recortar, colar. Incorporar o texto; ressuscitá-lo. Traduzir? Sim. Transpor, transportar, reavivar o silêncio onde foi gerado.

Os verbetes do dicionário, então, estão sendo elaborados por um grupo de colaboradores (e lembremos de Benjamin, colaborador da enciclopédia russa!), que atua em duas vertentes do que temos chamado de “Prática da letra”: uma vertente que privilegia a leitura – a anotação, escolha e recolha das citações, para formar a montagem do “mosaico de citações”; outra que privilegia a escrita das definições, a partir da “Prática da letra” com sujeitos psicóticos, usuários da rede pública de Saúde Mental. Sendo assim, poderíamos, talvez, dizer que apostamos no vislumbre da pura língua: em ponto de palavra – psicose, poesia.

Esse dicionário híbrido obedece a “O ‘Querer-Escrever = atitude, pulsão, desejo, não sei bem”, conforme Roland Barthes.³³ E continua ele, aquele que escreveu *Fragmentos de um discurso amoroso* (livro e obra que configuram um método para nosso dicionário³⁴), questionando a passagem do fragmento (a anotação, a *notatio*) ao romance, colocando-se aí como sujeito fragmentado: “Embora eu ‘sonhe’ com problemas: cada vez que o espírito forma uma alternativa – com o horror da armadilha e a delícia da simplificação: *escolher* é, afinal, mais fácil do que *inventar* – não se deve excluir uma *terceira forma*”.³⁵ Essa terceira forma seria conceber um *Romance-Fragmento*.

Em nosso caso, essa terceira forma seria um dicionário. É verdade que Lacan parece ter dito que *lalangue* nada tem a ver com o dicionário, seja ele qual for.³⁶ Mas, além de ele estar, nesse momento, falando com as paredes,³⁷ curiosamente, foi um equívoco em torno de um Vocabulário (de Filosofia em vez de Psicanálise) e esbarrando no nome do autor – Lalande – que *lalangue* foi escrita. Em termos de pura língua, talvez. Para além do chiste, algo continua soando. E, se nos fosse permitido terminar este texto com uma tradução/versão para a língua estrangeira (o espanhol), cometendo uma “monstruosa literalidade”, traduziríamos *die reine Sprach* como: *Lengua Reina*, ou seja, Língua Rainha. Ou, talvez, renunciaríamos, e arriscaríamos: *Lalengua reina*.

Notas

¹ Trata-se da pesquisa *Palavra em ponto de dicionário: a prática da letra e o trabalho de citação*, supervisionada pela Prof. Lucia Castello Branco e coordenada pós-doutoranda Vania Baeta Andrade, com a colaboração de dez alunos do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da FALE-UFMG. (CAPES _ PNPd).

² BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. V. 1. SP: Martins Fontes, 2005. p. 37.

³ BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. SP: Cultrix, 1971. p. 61.

⁴ BRANCO, Lucia Castello (org.) *A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. *Cadernos Viva Voz*, Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2008. Como o caderno apresenta quatro traduções do texto de Benjamin, escolhemos trabalhar, neste texto, prioritariamente com a tradução de Suzana Kampt Lages, fazendo referência às outras traduções, quando for o caso de introduzir alguma variante. A partir desta, as demais citações virão com o(s) número(s) de página(s) assinalado(s) no corpo do texto, entre parênteses.

⁵ Referimo-nos, aqui, à tradução de Karlheinz Barck e outros, também reunida da edição de “A Tarefa do Tradutor”, aqui citada. P. 60.

⁶ BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. RJ: Rocco, 1987. p. 7.

⁷ CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. SP: Perspectiva, 1977. p. 96: A palavra vermelha de Hölderlin.

⁸ CAMPOS. *Op. cit.*, p. 99.

⁹ DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. BH: Editora UFMG, 2002.

¹⁰ DERRIDA, Jacques. *Que cos è la poesia?* Coimbra: Ângelus Novus, 2003. p. 9.

¹¹ MAGALHÃES, Ligia C., VALLEJO, Américo. *Lacan: operadores de leitura*. SP: Perspectiva, 1981. p. 31: Discurso onírico.

¹² FREUD, Sigmund. *ESB*. V. 5. *A Interpretação dos sonhos (Parte II). Sobre os Sonhos*. 2 ed. RJ: Imago, 1987. P. 482: O esquecimento dos sonhos.

¹³ A respeito do “ponto de letra”, ver BRANCO, Lucia Castello. *Os absolutamente sós: Llansol – a letra – Lacan*. BH: Autêntica/FALE-UFMG, 2000. P. 18-33: Palavra em ponto de p.

¹⁴ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos sonhos. Parte I. ESB*. V. 4. 2 ed. RJ: Imago, 1987. P. 136: O método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo.

¹⁵ *Ibidem*, p. 140.

¹⁶ LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2 ed. RJ: Zahar, 1985. P. 188, 203: O sonho da injeção de Irma.

¹⁷ DERRIDA. *Torres de Babel*. P. 70-71.

¹⁸ LACAN. *Op. cit.* P. 195. Os grifos são nossos.

¹⁹ Referimo-nos, aqui, à tradução de Fernando Camacho, também reunida na edição de “A Tarefa do Tradutor”, aqui citada. P. 43.

²⁰ Referimo-nos, aqui, à tradução de Fernando Camacho, também reunida na edição de “A Tarefa do Tradutor”, aqui citada. P. 43.

²¹ Lemos no primeiro capítulo do Seminário 20, intitulado “Do Gozo”: “Enfim, por enquanto, temos os *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, aos quais lhes rogo que se reportem, porque terei novamente de usá-los sobre o que chamo de deriva para traduzir *Trieb*, a deriva do gozo” LACAN. *O Seminário. Livro 20. Mais Ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.153.

²² FREUD, Sigmund. *ESB*. V. 20. *Um estudo auto-biográfico; Inibições, sintomas e ansiedade; A questão da análise leiga e outros trabalhos*. RJ: Imago, 1976. p. 228.

²³ HANNS. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.338.

²⁴ HANNIS. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.338.

²⁵ FREUD, Sigmund. *ESB*. Vol.18. *Além do princípio do prazer*. RJ: Imago, 1976, p.36.

²⁶ No artigo de 1915, “Pulsões e destinos da pulsão”, Freud define a pulsão como: “Um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como medida da exigência de trabalho imposta ao psiquismo em consequência de sua relação com o corpo” [FREUD. \Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: FREUD. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.148.

²⁷ Cf. POMMIER. O Aberto, até onde as palavras podem nos transportar. In: POMMIER, Gerard. *A excessão feminina – os impasses do gozo*, pp. 94-104.

²⁸ RUDGE. *Pulsão e linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.139.

²⁹ Lemos em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*; Conferência 32: “Ansiedade e Vida Instintual” (1933): “A teoria dos instintos (*Trieblehre*) é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos (*Triebe*) são entidade míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. Os senhores sabem como o pensamento popular lida com os instintos (*Triebe*). As pessoas supõem existirem tantos e tão diversos instintos (*Triebe*) quanto aqueles de que elas necessitam no momento – um instinto (*Trieb*) de auto-afirmação, um instinto (*Trieb*) de imitação, um instinto (*Trieb*) lúdico, um instinto (*Trieb*) gregário e muitos outros semelhantes. As pessoas os pegam, por assim dizer, fazem cada um deles desempenhar sua função particular, e, depois, os dispensam novamente. Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todos esses pequenos instintos (*Triebe*) *ad hoc*, escondia-se algo de poderoso, do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela”. FREUD, Sigmund. *ESB*. Vol. 22. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. RJ: Imago, 1976. p. 119-120.

³⁰ RITVO, Juan. O conceito de letra na obra de Lacan. In: A PRÁTICA DA LETRA, Rio de Janeiro, Letra Freudiana, v. 17, n. 26, 2000. p.10.

³¹ “O que tento visar aqui é uma responsabilidade da forma: mas essa responsabilidade não pode ser avaliada em termos ideológicos e por isso as ciências da ideologia sempre tiveram tão pouco domínio sobre ela” [a literatura e, por que não, a psicanálise?] In: BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio Leila Perrone-Moisés. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

³² LOPES, Silvina Rodrigues. Apresentação deste livro. In: HÖLDERLIN, Friedrich; COSTA, Daniel. *Pelo infinito*. Lisboa: Vendaval, 2001. p. 11.

³³ BARTHES. *A preparação do romance*. Vol.I, p.16.

³⁴ Lemos em *A preparação do romance*, esse livro-anotação resultado dos dois últimos curso que Roland Barthes ministrou no Collège de France (1978-1979), antes de sua morte: “Método = caminho (Grenier, Tao = Caminho. O Tao é, ao mesmo tempo, o caminho e o fim do percurso, o método e a realização. Mal tomamos o caminho e já o percorremos). Tao: o importante é o caminho, o andar, não o que se encontra no fim → a busca da Fantasia já é uma Narrativa”, p. 42.

³⁵ BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. V. 1. P. 38.

³⁶ LACAN. *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.18-9.

³⁷ Cf. LACAN, Jacques. *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PRÁTICA DA LETRA, Rio de Janeiro, Letra Freudiana, v. 17, n. 26, 2000.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. V. I. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. V. II. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Cultrix, 1971.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio Leila Perrone-Moisés. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRANCO, Lucia Castello. *Os absolutamente sós: Llansol – a letra – Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2000.

BRANCO, Lucia Castello (org.). *A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. *Cadernos Viva Voz*, Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2008.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Que cos è la poesia?* Coimbra: Ângelus Novus, 2003.

FREUD, Sigmund. *ESB*. V. 5. *A Interpretação dos Sonhos (Parte II). Sobre os Sonhos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. *ESB*. V. 20. *Um estudo auto-biográfico; Inibições, sintomas e ansiedade; A questão da análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *ESB*. V. 22. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *ESB*. Vol.18. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HANNIS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HÖLDERLIN, Friedrich; COSTA, Daniel. *Pelo infinito*. Lisboa: Vendaval, 2001.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar: 1985.

LACAN. *O Seminário. Livro 20. Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MAGALHÃES, Lígia C., VALLEJO, Américo. *Lacan: operadores de leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

POMMIER, Gerard. *A excessão feminina – os impasses do gozo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

RUDGE. *Pulsão e linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Resumo

Partindo da noção de “língua pura”, formulada por Walter Benjamin, em “A Tarefa do Tradutor”, o texto pretende refletir acerca dos verbetes “sonho” e “pulsão”, que virão a compor um dicionário de citações de Literatura e Psicanálise, em elaboração.

Palavras-chave

Walter Benjamin; sonho; pulsão; dicionário

Recebido para publicação em
março de 2012

Abstract

Based on the concept of “pure language” developed by Walter Benjamin on the “The task of the translator”, the text intend to reflect on the entries “dream” and “drive” which will compose a dictionary of quotations on Literature and Psychoanalysis.

Keywords

Walter Benjamin; dream; drive; dictionary

Aceito em
maio de 2012

RELAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E ESCRITA

Ana Costa

Apresentando a questão da escrita para a psicanálise

Desde antes de 1900 – quando desenvolve diretamente o tema do inconsciente – Freud trata da inscrição dos traços mnêmicos, que o levou a associar a constituição da memória inconsciente numa aproximação com uma escrita. Essas relações vão abranger também os textos sobre as formações do inconsciente. Não é uma relação direta, mas a proposição do sonho como um rébus, para decifração tal qual uma escrita hieroglífica, já diz de uma aproximação. Desde seu trabalho sobre os sonhos, até suas constantes retomadas, essa condição de escrita será associada à produção onírica. Precisa ser sublinhado que o principal interesse freudiano nessa associação da elaboração onírica com escritas antigas – como são os hieróglifos, ou mesmo a escrita chinesa – diz respeito à permanência de uma figurabilidade, situada a partir de elementos compostos em linguagens distintas, tais como são a escrita da gramática e o desenho. Esta condição será retomada também nas *Lições introdutórias à psicanálise*, onde ele se detém na apresentação da escritura chinesa. O principal interesse de Freud aqui é a aproximação do sonho com uma escritura que não apresenta um texto unívoco, mantendo sentidos antitéticos, bem como uma condição primária de figurabilidade na composição entre letra e desenho.

Nos elementos destacados nos textos sobre as formações do inconsciente Freud sublinha que, nestas, tanto existe uma aproximação entre letra e figura, quanto a palavra comporta sentidos antitéticos. O interesse pelo sentido antitético, ligado às palavras primitivas, é abordado por Freud em vários escritos. Num texto de 1910, especialmente dedicado ao tema, ele se detém na análise desses duplos sentidos, trazendo o estudo de um linguista chamado K. Abel, que posteriormente não teve grande expressão em sua área. Ele situa como no vocabulário egípcio antigo, por exemplo, uma palavra poderia servir para designar sentidos opostos entre si (forte e fraco, por exemplo, eram designados pela mesma palavra). Muitas vezes, o que distinguia na escrita era o acréscimo de um desenho à palavra. Freud serve-se deste trabalho para indicar como as formações do inconsciente usam deste tipo de construção.